

Reed diz que acordo exige empréstimo

SÃO PAULO — O presidente do Citicorp, John Reed, admitiu ontem que os bancos estrangeiros deverão emprestar entre US\$ 500 milhões e US\$ 1 bilhão, para que o Brasil possa oferecer as garantias necessárias nesta primeira etapa da renegociação da dívida de US\$ 42 bilhões com os credores privados. As garantias são recursos a serem depositados escalonadamente pelo país em forma de títulos do Tesouro norte-americano.

“As garantias deverão somar de US\$ 2 bilhões a US\$ 4 bilhões e o Brasil não tem todo o dinheiro na mesa agora”, explicou Reed, ressaltando que, segundo a equipe econômica do governo, o país tem mais ou menos US\$ 1 bilhão junto ao FMI e

ao Banco Mundial e as reservas brasileiras são bastante voláteis, o que impossibilita o lastreamento para empréstimos de longo prazo.

Reed disse que a reunião em Brasília, na última terça-feira, com o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e o presidente do comitê assessor dos bancos credores, William Rhodes, foi justamente para tentar saber de onde sairá o dinheiro para as garantias. “A situação é a seguinte: há fundos limitados do FMI, reservas limitadas e dinheiro novo limitado dos bancos privados. Acho que chegaremos a uma solução em três ou quatro semanas, mas é difícil saber os cálculos porque dependerá da resposta de cada um dos

bancos credores”, acrescentou o chairman do Citicorp, ressaltando que “o problema hoje é só de matemática”.

Efeito psicológico — “A diferença em relação ao acordo do México, por exemplo, é que os mexicanos tinham mais recursos por terem assinado um *extended fund facility* com o FMI”, explicou ele. O acordo brasileiro assinado com o FMI é *stand by*, ou seja, prevê uma revisão de três em três meses, enquanto o acordo mexicano é revisto a cada três anos. “Estou aqui para resolver como o Citicorp vai responder às garantias. Nossa decisão, como maior credor e como chefe do comitê assessor, terá importância psicológica na decisão

dos outros bancos. Temos que sair na frente e tomar parte no desembolso do dinheiro novo”, justificou Reed, que pessoalmente considera US\$ 1 bilhão em dinheiro novo uma quantia muito alta. “No México, passei três ou quatro semanas com um papel na mão para fazer as contas.”

Ele não escondeu que veio passar quatro dias no Brasil para fazer uma avaliação do comportamento da economia e os resultados da política adotada pelo ministro Marcílio Marques Moreira. Reed disse que volta para Nova Iorque com uma impressão positiva da nova equipe, da política econômica, das melhoras na taxa de inflação e do avanço do trabalho

do governo junto ao Congresso. “Tenho que dar duas notas à nova equipe econômica. Aos planos que existem e à energia para concretizá-los, a nota é 9 e 10. Quanto aos resultados obtidos até agora, a nota é 4 ou 5.”

Reed acredita que a saída da crise brasileira passa pela resolução do problema fiscal, queda da inflação e retomada do crescimento econômico. “A reputação brasileira no exterior não tem sido a melhor de todas. Mas os bancos credores também têm que entender mais da realidade brasileira. Acredito que, depois de fechado o acordo, a nota do país sobe de 5 para 8”, exemplificou o presidente do Citicorp.